

NÃO ME ESQUEÇA NUM CANTO QUALQUER: MATERIAIS ESCOLARES COMO GRAFIA-IMAGENS REVELANDO A CULTURA ESCOLAR

Cleane Aparecida dos Santos¹

A presente comunicação refere-se à uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco - Itatiba/SP. O trabalho está sendo realizado pela autora, diretora de uma escola pública municipal de Jundiaí/SP.

Trata-se de uma pesquisa-formação (JOSSO, 2004) entendendo que a pesquisadora ao realizar análises do material produzido poderá: identificar a cultura escolar presente/ ausente no período de escolarização, compreender as potencialidades e os limites do uso da fotografia como ferramenta para a pesquisa e a prática escolar.

O foco está centrado nos estudos biográficos (FERRAROTTI, 2010) como elemento norteador no campo da formação de professores. Para iniciar o trabalho com as narrativas, optou-se por trazer a fotografia, como ferramenta, por acreditar na sua potencialidade e também como elemento disparador para aproximação da pesquisadora com os entrevistados. Para esta comunicação optou-se por apresentar a pasta de atividades da professora Sueli e o caderno da pesquisadora.

O texto está organizado nas seguintes seções: primeiramente apresento a narrativa “Da minha passagem pela Educação infantil a zabumba” em que eu narro de forma breve a pré-escola e meu processo de alfabetização com a cartilha, em seguida, um breve resgate sobre a narrativa, na outra seção, um diálogo com as culturas escolares, especialmente os materiais escolares, a posterior trago uma tessitura das reflexões advindas da materialidade do caderno da pesquisadora e da pasta de atividades da participante e na última parte do texto, as primeiras reflexões deste estudo.

Da minha passagem pela Educação infantil a zabumba²

Minha permanência na Educação Infantil, antigo jardim foi rápida. Frequentei por alguns dias a EMEB Ramiro de Araújo Filho, localizada no bairro do Vianelo, na cidade de Jundiaí/SP. Segundo depoimento de minha mãe apanhava demais das crianças e ela acabou me tirando da escola!

Logo em seguida, entrei para o Grupo Escolar Antonino Messina para fazer a primeira série. Tenho até hoje o caderno, a cartilha, o primeiro livro e a lembrança da lancheira recheada de lanche “Mirabel” e as insistentes maçãs, talvez seja por isso que eu não goste muito delas.

No primeiro ano, devido as condições financeiras, o meu caderno foi encapado com um pedaço de plástico que forrava o armário da cozinha. Depois, a vida melhorou e os cadernos e a cartilha “Caminho Suave” foram encapados com um plástico azul atravessado na vertical por finas listras brancas.

Da cartilha recordo-me que só passava para outra “lição” da cartilha, se tivesse dominado fluentemente a leitura bem como a soletração das letras deslocadas da nossa vida cotidiana, como por exemplo, a lição do Zabumba. Lembro-me bem... za, ze, zi, zo, zu. Somente as sílabas ficaram em minha mente. Compartilho abaixo uma das páginas da minha cartilha.

¹ Diretora efetiva da rede municipal de Jundiaí-SP. Doutoranda em Educação pela Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, Brasil. E-mail: cleane.santos@bol.com.br.

² Nesta seção narro de forma muito breve a minha incursão na Educação Infantil e a lembrança mais marcante, o reencontro com a Cartilha Caminho Suave

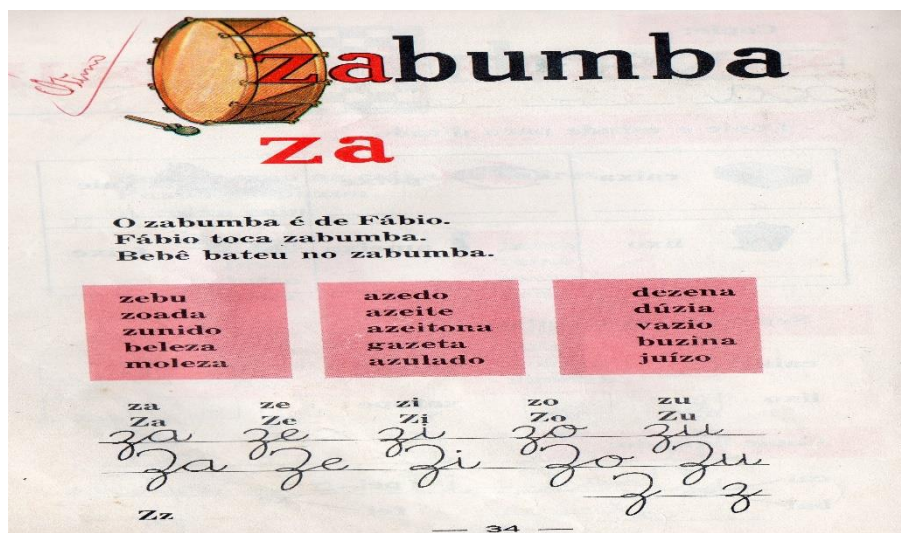


Figura 01: Acervo pessoal da pesquisadora

Minha mãe comprava meu material na papelaria Santa Terezinha no centro da cidade, no entanto, recordo-me também que não tive a oportunidade de ter a tão sonhada caixa de lápis de cor “Faber Castell” com 36 ou 48 lápis. Era pura ostentação! Depois que terminei as lições da cartilha eu ganhei o primeiro livro.

As narrativas como possibilidade formativa

As pesquisas educacionais que têm como recorte as narrativas nos processos de formação têm seu fortalecimento a partir dos anos de 1990, momento em que houve muitas mudanças sobre a concepção metodológica na pesquisa acadêmica. Desta forma, esse movimento foi importante, pois possibilitou novos “olhares” para a formação docente, especialmente, na tentativa de romper com o modelo da racionalidade técnica, na qual a voz do professor por muito tempo foi desconsiderada nos trabalhos científicos.

Muitas pesquisas no campo da formação de professores, conforme (ANDRÉ, 2011) estiveram pautadas na racionalidade técnica e procuravam identificar, especialmente nas trajetórias de professores, as razões da escolha pela profissão, questões relacionadas à teoria e à prática, gênero, políticas públicas entre outras. Desta forma, o que se observou foi um interesse para as questões relacionadas à Didática e a Prática de ensino.

Com a chegada do século XXI, uma nova demanda redesenhou -se no cenário da formação docente surgindo a necessidade de pesquisas nas temáticas que tratavam da identidade e da profissionalização docente, e ainda nos processos de investigação sobre as escritas de si no processo de formação docente.

Nesse sentido, não se trata de encontrar nas narrativas uma “verdade inquestionável”, mas a possibilidade de dar vozes às professoras, negada por um longo tempo, sobre as suas práticas, suas histórias de vida ao remeter-se aos seus processos de escolarização inicial e continuada.

Grafia-imagens: as culturas escolares numa breve discussão

*Sou eu que vou seguir você.
Do primeiro rabisco até o be-a-bá.
O caderno - Toquinho*

A epígrafe nos faz um convite, ou se preferir, uma provocação no que se refere aos materiais escolares, em especial, aos cadernos. Assim, o que os escritos nos cadernos e na pasta de atividades revelam da escola? Essa entre outras indagações se fizeram presente neste trabalho. Apoiando-me em VIÑAO FRAGO (2002, p. 335): “O caderno escolar ou diário de classe, nos quais os alunos registram os exercícios de cópia, ditado, redação, é “o instrumento de interiorização da lógica espacial, linear e temporal da escrita”.

Numa análise inicial, a materialidade (caderno e pasta) que compõe esse trabalho revela nas entrelinhas, ou nos possíveis desdobramentos que as escolas de educação infantil e das séries iniciais foram moldadas a partir de uma cultura escolar para a infância, ou seja, conforme aponta Ivor F. Godson, um currículo por meio de prescrições, regulado pelas políticas públicas e nas escolas através dos manuais, geralmente produzidos por pessoas além chão da escola e as programações do professor.

Assim, destaca-se que nas escolas a proposta pedagógica centrou-se nos adultos, coexistindo a presença de uma cultura escolar, em que se predominaram a cópia, a repetição das letras do alfabeto e dos números, portanto, exercícios que privilegiavam o treino. Em decorrência disso, o apagamento da voz do aluno nas decisões curriculares, as lacunas na formação inicial e continuada dos professores entre outros fatores. Corroboro dos estudos de (JULIA, 2001, p. 10), que a cultura escolar é: “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas”. Isso possibilita identificar o quanto a cultura escolar é um tema importante para ser pesquisado e refletido.

A materialidade escolar: Sueli e a pesquisadora narrando suas histórias

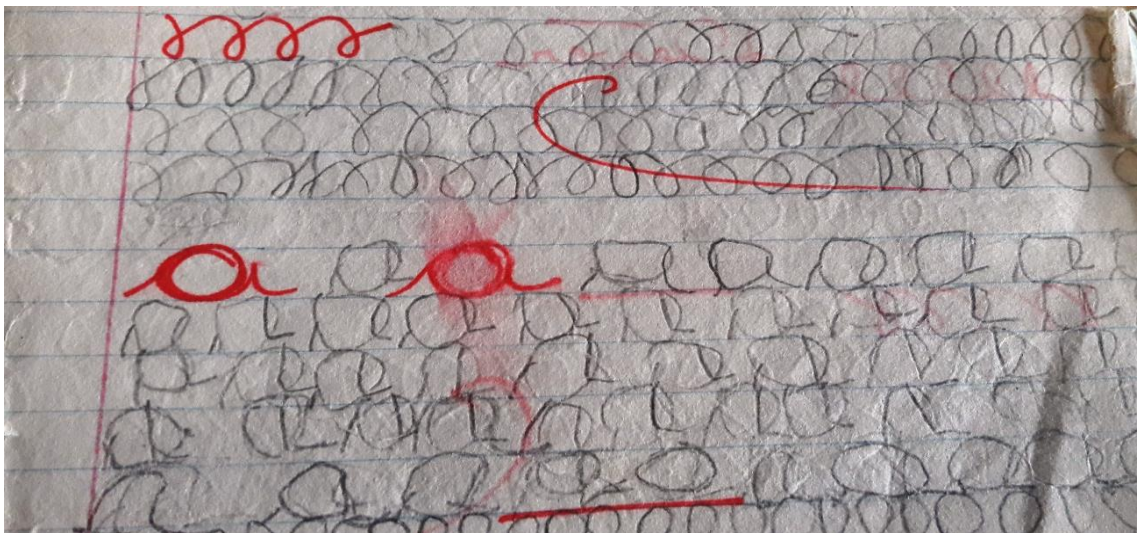


Figura 02: acervo pessoal da pesquisadora

Escolhi começar essa seção pelo recorte (Figura 02) de uma parte do meu primeiro caderno de escola nas séries iniciais, hoje denominado Ensino Fundamental. Creio que o caderno tem aproximadamente cinquenta folhas sendo que muitas delas já se encontram soltas e amareladas pela ação do tempo. Neste caderno não estão somente as minhas escritas a lápis e as vezes, apagadas com dificuldades pela borracha. As escritas parecem teimar muitas vezes não querer obedecer as linhas demarcadas pelo caderno, bem como os “exercícios” dados pela professora os quais eu precisava cumprir metodicamente. Estabelecendo uma analogia, parece

haver um “embate” entre a coordenação motora fina ali exigida pelo professor e o meu corpo que luta pelo movimento!

As escritas contidas no meu caderno vão contando a história da escolarização inicial vivida pela pesquisadora. Essas escritas possibilitam produzir muitas “imagens”, mesmo que no campo da imaginação da escola a qual pertenci.

Preciso compartilhar que ter foto ou não para compor a documentação da pesquisa, em nenhum momento, causou-me estranhamento, mas confesso que não tinha absoluta certeza de que a falta da materialidade, no caso, a fotografia poderia produzir alguma lacuna na pesquisa pretendida.

Assim, como diz o ditado popular “cada coisa no seu tempo”, a dúvida em relação ao acervo pessoal de fotografias do participante, caiu por “terra”, em decorrência do aprofundamento teórico, da imersão nas leituras, das textualizações das entrevistas narrativas e também em decorrência da apropriação do objeto de pesquisa.

Isso se deveu, em virtude, da experiência de leitura do capítulo “*Escritas infantis na escola primária (Colégio Farroupilha /RS – décadas de 1940 a 1960)*” de autoria da Maria Helena Camara Bastos. A partir da leitura do texto percebi que as escritas contidas no meu caderno da primeira série e a pasta de atividades da pré escola da Sueli possibilitavam-me criar um cenário sem as fotografias propriamente dita³, tornando-se grafias-imagens, ou seja, a nossa materialidade, caderno e pasta, apoiados pela narrativa passaram a traduzir-se em “imagens” na forma figurada das escolas vivida por nós.

Para situar o leitor sobre o processo que foi construído, destaco que a entrevista narrativa foi realizada fora do ambiente institucional de ambas, a fim de estabelecer uma proximidade da pesquisadora com a entrevistada.

Na tentativa de revelar e ocultar, o que a pasta e o caderno revelaram, ressalto que foi possível, criar “imagens”, ou seja, desenhar cenários da cultura escolar que é objetivo desta comunicação. Compartilho a frase dita por Sueli, ao rememorar uma de suas aulas: “[...] *Caderno de caligrafia muito! Até hoje minha letra é muito feia.*

Confesso que acreditei por um bom tempo que o caderno de caligrafia estivesse a serviço de deixar a letra bonita, ou seja, de corrigir as possíveis imperfeições, no entanto, conforme a professora Sueli narrou o tal treino não surtiu bons resultados para ela. Para (BASTOS, 2014) os cadernos de caligrafia tinham um objetivo implícito, no que se refere à disciplinarização dos alunos, ou seja, na maioria deles (o caderno) era muito comum, a repetição de frases curtas e de cunho ideológico com a finalidade de inculcar os valores morais, como por exemplo: “Gosto de colegas educados” (p. 46).

Assim, as normas e os bons costumes faziam parte do currículo fortalecendo uma cultura escolar nos moldes do sistema capitalista, com o desejo de “produzir” cidadãos acrílicos, moldados pelo positivismo e a racionalidade técnica.

Em relação à pasta de atividades de Sueli, ela relatou que: “*Tudo era... no dia das mães, na capa, no envelope...*” ela referiu-se ao seu envelope pardo que continham as atividades realizadas por ela, especialmente os origamis que possivelmente tornaram-se uma “marca” de sua professora da Educação Infantil, pois eles estavam muito presentes nas atividades de Sueli. A seguir a Figura 3 da atividade a qual Sueli se referiu.

³ Reitero que Sueli possui fotos de sua trajetória escolar, no entanto, para este trabalho elas não foram utilizadas.

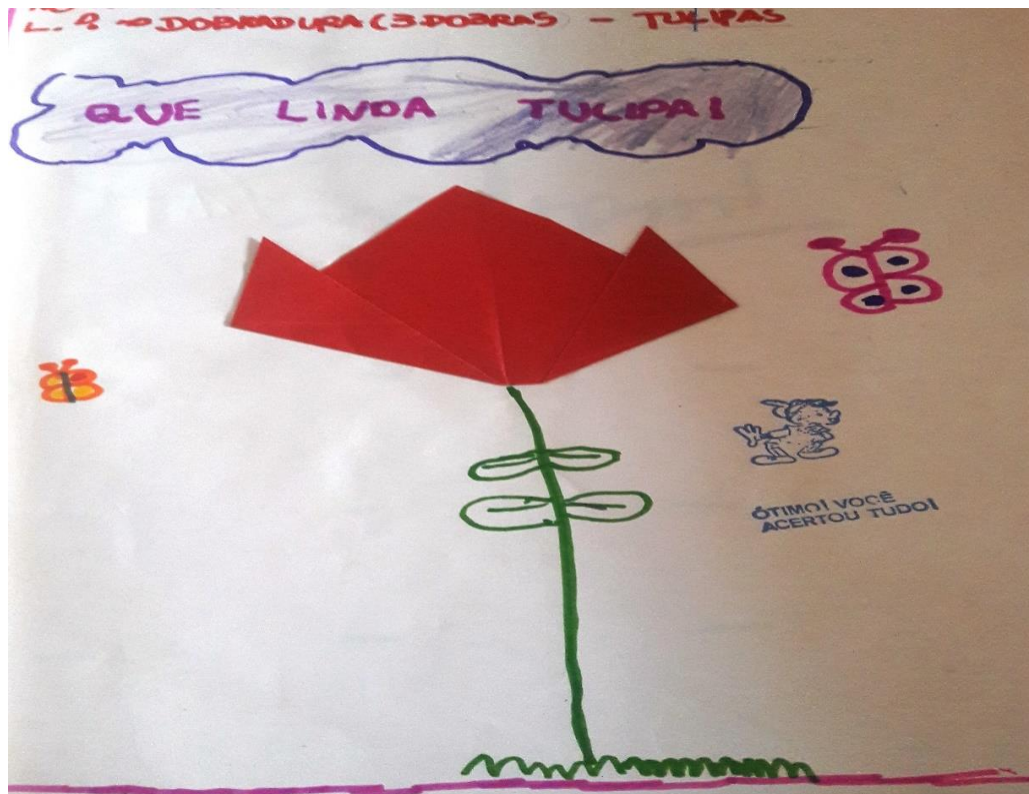


Figura 03: Atividade origami – acervo pessoal de Sueli

Assim, a pasta e o caderno possibilitaram grafia-imagens das escolas que fizeram parte da minha trajetória escolar bem como da professora Sueli. Não se tem aqui a pretensão de descaracterizar o trabalho docente, mas (re)pensar essas culturas escolares.

Pelas bordas do caderno: as primeiras anotações

Ao trazer esse recorte inicial, provou-me algumas inquietações. A primeira delas é na potência da materialidade escolar para pensar a escola de crianças pequenas.

Constata-se uma diversidade de sentimentos: alegria, medo e aceitação ou até mesmo certo conformismo das marcas negativas produzidas na escola. A sensação transmitida neste percurso sugere uma certa naturalização das práticas escolares.

Evidenciou-se a importância dada ao treino de letras, a leitura da cartilha tomada de forma exaustiva, e a predominância de atividades repetitivas com pouco significado, desconsiderando a possibilidade do aluno conseguir atingir níveis de abstração tão necessários à aprendizagem.

Essa comunicação foi apenas uma tentativa inicial de compreender como a cultura escolar vem sendo desenhada ao longo da escolarização e a partir da materialidade revelar grafia-imagens, ou seja, um ou muitos retratos da vida escolar.

Espera-se que esta materialidade aqui apresentada possa (re)significar nossas (re)descobertas e produzir novos ecos de ressignificação das nossas histórias de escolarização e que elas possam re(pensar) o fazer docente.

Referências

ANDRÉ, M. Pesquisas sobre formação de professores: tensões e perspectivas do campo. In: FONTOURA, H. A.; SILVA, M. (Org.). **Formação de professores, culturas: desafios à Pós-**

graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Ebook online. X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. Anped, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/sobre.html>>. p. 24-36. Acesso em: 20 de ago. de 2014.

BASTOS, M. H. C. Escritas infantis na escola primária (Colégio Farroupilha/ RS – décadas de 1940 a 1960). In: MIGNOT, A. C., SAMPAIO, C. S., PASSEGI, M. C. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-57.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

VIÑAO FRAGO, A. Por una historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, 3, 1998, Valladolid - España. **Anais**. Valladolid - España, 1996, p. 167-183. Disponível em: <<https://ahistcon.org/PDF/congresos/publicaciones/Valladolid.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.